

Raphael Fernando Diniz

Bacharel e Mestre em Geografia pela Universidade Federal de Minas Gerais - UMFG, Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" - FCT/UNESP - Campus de Presidente Prudente/SP
Bolsista da FAPESP
dinizrf@outlook.com

Gisele Oliveira Miné

Licenciada em Geografia pela Universidade Federal de Minas Gerais (2009), Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Geografia da UFMG (2012)
gisa_mine@yahoo.com.br

Maria Aparecida dos Santos Tubaldini

Professora Associada da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, pesquisadora e professora do Programa de Pós-Graduação em Geografia - IGC/UFMG
ubaldini1@uol.com.br

(Re)significação e (re)invenção cultural quilombola: as espacialidades afro-brasileiras do Conjunto da Marujada e do Grupo Curiango no Vale do Jequitinhonha/MG

Resumo

O ano de 1988 representou um importante marco histórico para as comunidades afro-brasileiras, quando, pela primeira vez, lhes foram reconhecidos os direitos constitucionais às suas terras e à valorização de suas práticas culturais. Desde então, diversas comunidades se reorganizaram internamente e se articularam externamente a fim de resgatar e revitalizar as celebrações, festividades e tradições herdadas de seus antepassados. Neste contexto, o presente trabalho busca refletir sobre os processos de (re)significação e (re)invenção cultural nas comunidades quilombolas de Moça Santa, município de Chapada do Norte, e Quilombo, município de Minas Novas, Vale do Jequitinhonha/MG. O resgate e a valorização de danças, cantos e celebrações consideradas localmente como "tradicionalistas", a exemplo do Grupo *Curiango* em Moça Santa, e do *Conjunto da Marujada*, em Quilombo, ganharam maior ímpeto a partir do reconhecimento destes territórios como *remanescentes*

de *quilombos*, mobilizando jovens e adultos para a prática e divulgação de suas expressões culturais. Por meio de observações empíricas e de relatos obtidos em campo, percebe-se que os grupos *Curiango* e *Marujada* são importantes referências simbólico-culturais destes territórios, contribuindo para integração e coesão comunitária, para a afirmação de sua identidade afro-brasileira, e, em especial, para a legitimação de seu auto-reconhecimento como *remanescentes de quilombos*.

Palavras-chave: Quilombos, (Re)significação e (Re)invenção cultural, Conjunto da Marujada, Grupo Curiango, Vale do Jequitinhonha/MG.

Abstract

CULTURAL QUILOMBOLA (RE)SIGNIFICATION AND (RE)INVENTION:
THE AFRO-BRAZILIAN SPATIALITIES OF MARUJADA AND CURIANGO'S GROUP
IN VALE DO JEQUITINHONHA-MINAS GERAIS-BRASIL

The year 1988 was an important landmark for afro-brazilian communities, when, for the first time, their constitutional rights were accorded to their land and exploitation of their cultural practices. Since then, several communities were internally reorganized and externally articulated in order to rescue and revitalize the celebrations, festivities and traditions inherited from their ancestors. In this context, this paper seeks to reflect about the processes of cultural (re)signification and (re)invention in the maroon communities of Moça Santa, municipality of Chapada do Norte and Quilombo, municipality of Minas Novas, in Vale do Jequitinhonha/MG. The rescue and recovery of dances, songs and celebrations locally regarded as "traditional", like the *Curiango's* group in Moça Santa, and the *Marujada's* group in Quilombo, gained acceptance from the recognition of these territories as Quilombo, mobilizing youth and adults to practice and dissemination their cultural expressions. Through empirical observations and reports from the field, you realize that the *Curiango* and *Marujada* groups are important symbolic and cultural references of these territories, contributing to integration and community cohesion, for affirmation of his afro-brazilian identity, and especially, for legitimation of his self - recognition as Quilombo .

Key-words: Quilombo, Cultural (re)signification and (re)invention, Marujada's group, Curiango's group, Vale do Jequitinhonha/MG.

1. Introdução

As culturas são realidades mutáveis (CLAVAL, 2007, p. 13).

Atualmente, o reconhecimento científico da existência de uma expressiva diversidade cultural no Brasil tem sido associado, com frequência, a uma heterogeneidade de usos e modos de organização socioespacial. As chamadas *comunidades tradicionais* – quilombolas, indígenas, caipiras,

sertanejas, extrativistas etc., por exemplo, conformam esta diversidade e mantêm relações com o espaço e com o tempo que se diferenciam consideravelmente da organização socioespacial urbano-moderna (DIEGUES, 2000; LITTLE, 2002; SILVA, 2007).

Dentre algumas características diferenciadoras, faz-se necessário destacar: presença ancestral num determinado território; organização social e política orientada por formas comunitárias de apropriação do espaço e dos recursos naturais, baseadas em leis consuetudinárias, em teias de reciprocidades e de solidariedade intra-grupal; conhecimentos aprofundados do mundo natural e de seus ciclos.

Após a promulgação da Constituição Federal de 1988, os membros destas comunidades passaram a se agrupar em torno de autodefinições coletivas baseadas em critérios étnicos, territoriais, históricos e culturais como forma de reivindicar o reconhecimento jurídico de seus modos tradicionais de vida, o uso dos recursos naturais presentes em seus territórios e, em especial, com o objetivo de fortalecer e dar visibilidade ao seu histórico processo de territorialização (ALMEIDA, 2008).

Neste contexto, destaca-se a emergência das *comunidades remanescentes de quilombos*, que, após séculos de invisibilidade, subjugação e expropriação, tiveram reconhecidos os direitos de uso e domínio das terras que ocupavam e de manutenção das suas manifestações culturais específicas. Tais direitos foram garantidos pelo Artigo 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias – ADCT, pelos Artigos 215 e 216 do Capítulo III da Constituição Federal, referente à Educação, Cultura e Desporto, e pela ratificação de tratados internacionais, como a Convenção N° 169 da Organização Internacional do Trabalho - OIT, que, através de seus artigos referentes aos Povos Indígenas e Tribais, estabeleceu a consciência de sua identidade como critério fundamental para sua identificação (O'DWYER, 2007; LEITE, 2008).

Desse modo, o Estado buscava conceder aos afro-brasileiros não somente o direito ao território, mas também à manutenção de suas expressões culturais, tradições, costumes, identidades, patrimônios materiais e imateriais que durante gerações construíram e preservaram para sua reprodução socioespacial e sociocultural.

Até o ano de 2013 foram abertos 1.281 processos no Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária – INCRA – com pedidos de reconheci-

mento de comunidades remanescentes de quilombos em todo o território nacional (INCRA, 2013).

Em Minas Gerais, estado com o segundo maior número de processos abertos no INCRA, a mesorregião geográfica do Vale do Jequitinhonha tem se destacado pela existência de uma expressiva quantidade de comunidades quilombolas que estão se organizando e reivindicando políticas públicas de regularização fundiária, inclusão social, reconhecimento e valorização de suas culturas, conforme demonstrado em estudos realizados por Tubaldini et al. (2011), Miné (2012) e Diniz (2013). Atualmente, são estimadas mais de 400 comunidades quilombolas em todo o estado¹, sendo que aproximadamente 30% delas estão localizadas no Vale do Jequitinhonha, conforme pode ser observado na tabela 1.

Tabela 1
QUANTITATIVO DAS COMUNIDADES REMANESCENTES DE QUILOMBOS NO VALE DO JEQUITINHONHA/MG – 2014

Municípios	Nº de Comunidades Quilombolas	Municípios	Nº de Comunidades Quilombolas
Almenara	1	Gouveia	1
Araçuaí	9	Itaobim	1
Berilo	21	Jenipapo de Minas	4
Capelinha	5	Jequitinhonha	6
Chapada do Norte	19	Joáima	3
Couto de Magalhães	1	Leme do Prado	2
Diamantina	3	Medina	1
Felisburgo	2	Minas Novas	19
Francisco Badaró	3	São Gonçalo do Rio Preto	1
		Virgem da Lapa	13
Total			115
MINAS GERAIS			404

Fontes: CEDEFES (2007), ANJOS (2009) e INCRA (2013). Adaptação e compilação: DINIZ, R. F.; MINÉ, G. O., 2014

Neste universo, merecem destaque os municípios de Chapada do Norte e Minas Novas, os quais concentram aproximadamente 30% de todas

as comunidades quilombolas da mesorregião do Vale do Jequitinhonha. Ambos têm a sua formação histórica ligada ao último ciclo do ouro em Minas Gerais, compreendido entre fins do século XVIII e meados do século XIX, quando foi utilizada a mão de obra de milhares de negros trazidos compulsoriamente para os garimpos da região (SAINT-HILAIRE, 1975[1830]).

A grande maioria dos quilombos existentes nestes municípios é de origem rural, formados por populações com ascendência aos negros que trabalharam nos garimpos de ouro e também aos indígenas que ali residiam antes da chegada dos primeiros colonizadores europeus (TUBALDINI et al., 2011). Por estes e outros motivos, as manifestações culturais de seus moradores são caracterizadas por uma diversidade de práticas que possuem sua gênese em distintas tradições, conformando um notável hibridismo cultural a partir de elementos herdados dos negros, indígenas e europeus. Esta cultura híbrida, a propósito, é uma das características marcantes das expressões culturais afro-brasileiras, hibridizadas a partir do encontro (conflitante, muitas vezes) entre distintos povos subalternizados durante o processo de colonização do país, conforme argumenta Moreira:

Longe da simples transposição da diversidade cultural e nacional da cultura africana para o Brasil, a cultura afro-brasileira constitui-se como cultura negra no Brasil, produto original de uma construção cultural no exílio, em constante intercâmbio com as culturas de outros povos igualmente subalternizados na formação sócio-econômica brasileira (MOREIRA, 2005, p. 14).

Após as primeiras iniciativas de auto-reconhecimento de várias comunidades em Chapada do Norte e Minas Novas, iniciadas em grande parte nos primeiros anos do século XXI, inúmeras ações de resgate e valorização da identidade cultural de seus antepassados foram realizadas por parte das lideranças comunitárias, buscando fortalecer e dar notoriedade ao processo de reterritorialização – material e simbólica – em que se encontravam as comunidades. Atividades como danças, músicas, literatura, folclore, religião, artesanato, preservação e valorização da memória dos mais velhos e do cotidiano das comunidades foram incentivadas pelas associações comunitárias em parceria com a Fundação Cultural Palmares - FCP, Universidades, Organizações Não-Governamentais - ONGs e Escolas locais, permitindo aos mais jovens ter uma participação mais ativa neste

processo e nas atividades culturais de seus territórios (TUBALDINI et al., 2011; MINÉ, 2012; DINIZ, 2013).

Neste caso, é oportuno observar que a *identidade* adquiriu uma importância que extrapolou o significado simbólico-cultural distintivo de um determinado grupo étnico, emergindo também com uma conotação política que buscava dar legitimidade ao processo de autodefinição que reconhece as comunidades quilombolas como sujeitos dos novos direitos outorgados pelo Estado brasileiro (ARRUTI, 1997; O'DWYER, 2007; ALMEIDA, 2008).

Em meio a este processo, vários diálogos foram sendo estabelecidos com diferentes esferas culturais e de poder, ao mesmo tempo em que diversas transformações ocorriam nas manifestações praticadas nas comunidades, com a inserção de novos elementos, sujeitos e ritos que faziam parte do cotidiano dos homens e mulheres envolvidos nas dinâmicas destas atividades. Com efeito, a cultura quilombola se (re)significava e se (re)inventava à medida que incorporava outros elementos que não eram herdados da “tradição dos antigos”, mas que eram provenientes de uma nova espacialidade vivenciada pela juventude que buscava adaptar esta “tradição” à sua contemporaneidade.

Percebe-se, desse modo, que as transformações ocorridas nas práticas culturais destes territórios estão em consonância com as reflexões de Claval (2007), para quem a cultura não é algo imutável, transmitida passivamente entre gerações sem qualquer crítica ou rejeição.

A cultura não é vivenciada passivamente por aqueles que a recebem como herança: eles reagem àquilo que lhes é proposto ou que se lhes pretende impor. Interiorizam certos traços e rejeitam outros. Inventam, ao longo de suas existências, novas maneiras de fazer, atribuem cores novas aos seus sonhos e pesadelos, e criticam os valores usuais quando estes não correspondem às suas aspirações profundas. [...] *As culturas são realidades mutáveis* (CLAVAL, 2007, p. 13, destaques acrescidos).

Neste contexto, utilizamos os conceitos de (re)significação e (re) invenção cultural para expressar que o projeto de resgate e valorização da identidade quilombola consiste num ato de se reapropriar de elementos substantivos da tradição de seus antepassados com novos propósitos (sobretudo jurídico e político), numa relação dialética de preservação e rupturas em que tais elementos são transformados em símbolos de contrastividade cultural e passam a adquirir novos significados para as famílias destes

quilombos. Ressalta-se, contudo, que ao considerar este processo como (re)significação e (re)invenção não pretendemos atribuir-lhes um sentido negativo, associando-o às ideias de falsidade ou manipulação, pois, como aponta Arruti (1997, p. 29):

Devemos reconhecer a relação dialética que se estabelece entre o herdado e o projetado, entre passado e futuro que, no curso das interações, submete elementos de cultura, de estrutura e de memória a re-significações e re-atuações. A constatação das permanências, dos sincretismos e das contrastividades não serve mais como resposta, mas como ponto de partida [...] O que marca essas rupturas e a presença da inventividade social é o fato de que toda tentativa de preservar ou recuperar tradições está, dada a impossibilidade de manter o passado como algo permanentemente vivido, destinada a se transformar em “tradição inventada”.

Desse modo, a partir de um trabalho de resgate, transformação e, por conseguinte, invenção de tradições, a cultura quilombola em Minas Novas e Chapada do Norte vivenciou um processo de (re)significação e (re) invenção, criando elos com o passado de seus ancestrais ao mesmo tempo em que adaptava determinadas práticas culturais às novas espacialidades vivenciadas pelos atuais moradores dos quilombos, sobretudo os mais jovens. As reflexões de Arruti (1997) dão importantes contribuições para o entendimento deste processo², ao destacar que

ao tematizar e dar caráter reflexivo à sua cultura e à sua ligação com o passado, o grupo está retirando do fluxo contínuo aquilo que deseja preservar, transformar em símbolo e, por isso, fixar, rompendo justamente com seu caráter de hábito que submete aqueles elementos a uma permanente mutação, para alçá-los a um novo estatuto, o de uma tradição, nesse sentido sempre inventada (ARRUTI, 1997, p. 29).

A partir dessas considerações, o presente trabalho tem como propósito analisar e refletir de forma aprofundada sobre os processos de (re)significação e (re)invenção cultural experienciados pelas comunidades de Moça Santa, município de Chapada do Norte, e Quilombo, Município de Minas Novas, Vale do Jequitinhonha mineiro (figura 1), auto-reconhecidas como *remanescentes de quilombos* no ano de 2004 pela Fundação Cultural Palmares. Desde o início do processo de auto-reconhecimento, várias ações foram realizadas pelas lideranças comunitárias com o objetivo de resgatar e manter vivas as celebrações, festividades e tradições herdadas de seus antepassados, sobretudo através dos grupos Curiango, de Moça Santa, e Marujada, de Quilombo, os quais foram objetos de estudo no presente trabalho.

É oportuno ressaltar que as análises e reflexões aqui construídas fazem parte de pesquisas realizadas ao longo de cinco anos nestes territórios, materializadas em um relatório técnico de pesquisa (TUBALDINI et al., 2011), um livro (TUBALDINI; GIANASI, 2012), em duas dissertações de mestrado (MINÉ, 2012; DINIZ, 2013), além de artigos em periódicos e eventos nacionais e internacionais.

As pesquisas de campo foram realizadas entre os anos de 2009 e 2014, quando, juntamente com os homens e mulheres membros dos grupos culturais mencionados acima, realizamos entrevistas semiestruturadas, observações diretas de suas manifestações culturais, gravações audiovisuais de suas canções e danças, além de registros iconográficos (fotografias e croquis) das festividades realizadas nas comunidades.

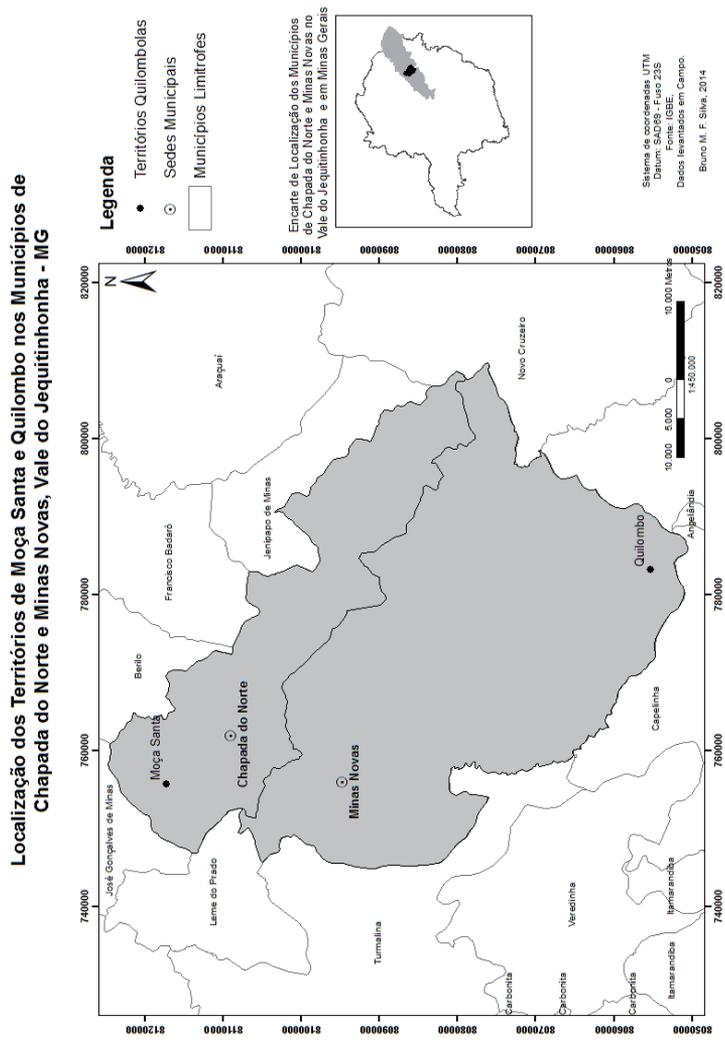
Nas seções a seguir, discorreremos de forma aprofundada sobre as espacialidades afro-brasileiras destes grupos e a respeito dos processos de (re)significação e (re)invenção cultural pelos quais são responsáveis.

2. Heranças de um pássaro do mato: O Grupo Curiango, a (re)significação e a (re)invenção da cultura quilombola de Moça Santa

A comunidade de Moça Santa está localizada na região noroeste do município de Chapada do Norte, numa zona de transição entre os biomas do Cerrado e da Caatinga, nos limites do semiárido mineiro. Seus moradores são descendentes de escravos e indígenas que trabalharam nas lavras de ouro de Minas Novas e região até meados do século XIX, quando, em decorrência das fugas contra o trabalho compulsório, da escassez do mineral e da promulgação da Lei Áurea, migraram para outros territórios à procura de terras para trabalharem livremente e constituírem suas famílias.

Até o ano de 1973 a comunidade era denominada por Bom Jesus – uma homenagem a seu santo padroeiro, quando passou então a ser nomeada pelo topônimo de Moça Santa. Essa mudança no nome do povoado se deu justamente pela realização de possíveis milagres atribuídos a Rita Rocha Baldaia, filha do primeiro morador da localidade. De acordo com os relatos dos atuais moradores, Rita teria falecido por volta de 1945,

Figura 1
 LOCALIZAÇÃO TERRITORIAL DAS COMUNIDADES REMANESCENTES DE QUILOMBOS DE MOÇA SANTA, MUNICÍPIO DE CHAPADA DO NORTE, E QUILOMBO,
 MUNICÍPIO DE MINAS NOVAS, VALE DO JEQUITINHONHA/MG



Autor: SILVA, B. M. F.

vítima de uma parada cardíaca e, dois dias depois, ressuscitou profetizando acontecimentos e realizando milagres para centenas de romeiros que peregrinavam até sua casa³. A partir disso, o nome da comunidade foi modificado para *Moça Santa* em sua homenagem.

Atualmente, os moradores da comunidade estão reunidos politicamente em torno da *Associação Comunitária União Quilombola de Moça Santa*, que também congrega famílias provenientes de quatro comunidades vizinhas: Córrego do Galdino, Córrego das Gamelas, Córrego do Paiol e Caeté, reconhecidas no ano de 2004 como *remanescentes de quilombos*. Estes territórios são formados por 144 famílias, sendo 60 localizadas em Moça Santa, 33 no Córrego do Galdino, 12 no Córrego das Gamelas, 20 no Córrego do Paiol e 19 em Caeté.

Nas terras destas comunidades os moradores praticam atividades agrícolas e pecuárias, voltadas principalmente para a subsistência de suas famílias e, quando há excedentes, para a comercialização nas feiras-livres que ocorrem nos fins de semana na sede do município de Chapada do Norte. No entanto, devido às estiagens cada vez mais prolongadas e à redução da vazão dos córregos que margeiam as comunidades, muitos agricultores enfrentam perdas recorrentes em suas lavouras, o que tem limitado sobremaneira as condições de reprodução socioespacial e socio-cultural de suas famílias.

Diante disso, é cada vez mais frequente e intensa a migração de homens jovens e adultos para trabalhos sazonais no corte da cana de açúcar nos estados de São Paulo, Mato Grosso e Goiás, e para a colheita de café no interior de Minas Gerais e São Paulo, permanecendo fora de suas comunidades por até nove meses no ano.

Com efeito, ao longo deste período cabe às mulheres a realização de todos os trabalhos na roça e em suas casas, além da responsabilidade com a criação dos filhos de alguns casais que migram sozinhos e das atividades de ordem comunitária.

Dentre as atividades que envolvem toda a comunidade é importante destacar a organização de reuniões mensais na sede da Associação, celebrações religiosas nas capelas e nas casas dos moradores, festas tradicionais do calendário comunitário e, em especial, o trabalho de resgate, manutenção e valorização da memória, do folclore, das danças e dos cantos considerados como “tradições dos antigos”.

A partir da criação da Associação Comunitária e de seu auto-reconhecimento como *remanescente de quilombos*, diversas iniciativas foram tomadas pelas mulheres quilombolas com o propósito de se constituir um movimento de organização e sistematização de suas práticas culturais. Tais práticas já existiam e eram vivenciadas no passado pelas famílias destes territórios, porém, seu resgate e, por extensão, sua (re)significação e sua (re)invenção se dão a partir da organização deste movimento, no contexto do reconhecimento institucional dos direitos e da valorização da cultura quilombola.

Em meio a esse processo, a retomada das danças e dos cantos pelo Grupo Curiango assume o protagonismo na tentativa de se revitalizar as celebrações, festividades e tradições herdadas de seus antepassados, principalmente entre os indivíduos mais jovens, que se encontravam ausentes das atividades culturais da comunidade. Além desse propósito, buscava-se também dar maior visibilidade às manifestações artísticas e culturais de Moça Santa em outras comunidades e municípios do Vale do Jequitinhonha, tornando sua cultura mais conhecida e valorizada regionalmente.

Neste contexto, o Grupo Curiango emerge como um dos principais “sinais diacríticos” de Moça Santa (BARTH, 2003), considerado pelos seus moradores uma das mais antigas e diferenciadoras expressões culturais da comunidade, mantenedor de tradições musicais que foram transmitidas entre gerações até os dias atuais.

Segundo as mulheres do grupo, seu nome⁴ é uma “herança” de uma ave frequentemente encontrada nas matas locais, cujo hábito noturno de “abrir caminho” para as pessoas que transitam pelas estradas foi transformado em dança e música pelos antigos escravos daquela localidade:

Ocê tá andano e ele tá cercano a gente na frente. Aí os escravo inventou essa dança de curiango, eles falavam assim “saí do caminho curiango, deixa eu passá, que que ocê tem curiango? Que ocê tá encarangado, toma remédio pr’ocê sará!”. Aí, até que vai dançano, um encontram com o outro, a mesma coisa que o pássaro faz no mato eles fizeram também [na dança] (LIDERANÇA QUILOMBOLA, 47 anos, Comunidade Quilombola de Moça Santa, março de 2009).

LETRA DA MÚSICA “CURIANGO”

Oh lê lê, Curiango...

Oh lá lá, Curiango...

Sai da frente, Curiango...
Deixa eu passar, Curiango...
Que que ocê tem, Curiango...
Cê tá encarangado, Curiango...
Toma remédio, Curiango...
Pr'ocê sará, Curiango...
Oh lê lê, Curiango...
Oh lá lá, Curiango...

(Música "Curiango", Grupo do Curiango, Comunidade Remanescente de Quilombos de Moça Santa, Município de Chapada do Norte, Vale do Jequitinhonha/MG)

Atualmente, o grupo é constituído por mais de 20 membros, em sua maior parte formado por mulheres que cantam e dançam ao ritmo dos instrumentos tocados pelos homens: viola, pandeiro, caixa e triângulo.

De acordo com os membros mais velhos, o trabalho de retomada e divulgação das danças e dos cantos realizados pelo grupo é uma atividade de resgate e preservação da memória de Maria Paula e João Leivina, considerados os principais expoentes das danças, músicas e do folclore de Moça Santa. Em sua homenagem, os uniformes usados nas apresentações possuem a seguinte frase em suas costas: "Resgatando a Cultura de Maria Paula e João Leivina".

Em Moça Santa, as apresentações do grupo ocorrem geralmente durante as festividades tradicionais do calendário local, como a festa de Nosso Senhor Bom Jesus no dia 04 de fevereiro, festa de Nossa Senhora do Rosário na sede do município, festas juninas, de fim de ano e durante os encontros entre comunidades quilombolas da região. Nestes eventos, o grupo tem a oportunidade de experimentar o encontro com diversas culturas, identidades e territorialidades quilombolas de Chapada do Norte e do Vale do Jequitinhonha, onde todos reafirmam sua identidade afro-brasileira e evidenciam os conteúdos culturais que encerram e definem a diversidade da cultura de re-existência das comunidades quilombolas do estado de Minas Gerais.

As canções e danças encenadas pelas mulheres do Curiango revelam fatos do cotidiano da comunidade, aspectos marcantes da biodiversidade local e acontecimentos vivenciados pelos compositores. Um exemplo ilustrativo é a canção "Lavadeira", que retrata em seus versos o trabalho

das mulheres que lavam roupas na “praia” do Araçuaí, rio que margeia a comunidade. À medida que entoam a canção, as mulheres encenam o ofício das lavadeiras em uma dança de roda, repetindo em duplas os mesmos atos feitos às margens do rio:

Lavadeira na beira da praia
Como é que Maria lava a saia?
É assim, é assim, é assim
É assim que Maria lava a saia!
É assim, é assim, é assim
É assim que Maria lava a saia!

(Música “Lavadeira”, Grupo do Curiango, Comunidade Remanescente de Quilombos de Moça Santa, Município de Chapada do Norte, Vale do Jequitinhonha/MG)

Com a presença ativa dos jovens nas apresentações do grupo, outras músicas foram sendo criadas, retratando fatos relacionados às novas espacialidades da juventude de Moça Santa, como as migrações sazonais para os estados de São Paulo, ou sentimentos amorosos dos rapazes e das moças da comunidade. A canção “O Bambu” ilustra muito bem esta questão:

Bambu, quero vê quebrá, oi bambu ocê quebre já
Ocê quebra devagarim, bambu, pra não machucá.
Alecrim na beira d’água decerto tá derretendo
Um beijim da sua boca, dá vida a quem tá morrendo
Eu lá ia pra São Paulo, no caminho voltei pra trás
Alembrei de pai e mãe, no São Paulo eu não vou mais.
A folha da bananeira não se abana sem o vento
Toda moça sussegada, não se perde um casamento.

(Música “O Bambu”, Grupo do Curiango, Comunidade Remanescente de Quilombos de Moça Santa, Município de Chapada do Norte, Vale do Jequitinhonha/MG)

Além das novas canções produzidas pelos jovens de Moça Santa, outra transformação de destaque ocorrida no Grupo Curiango foi a criação de um uniforme padronizado para as mulheres, com saias longas e camisas idênticas para todos os membros, elementos que não faziam parte dos primeiros grupos da comunidade e que foram sendo adotados ao longo

do processo de resgate, (re)significação e (re)invenção desta tradição (figuras 2 e 3)

Figuras 2 e 3



Mulheres do Grupo Curiango dançando durante encontro de comunidades quilombolas de Chapada do Norte na Comunidade de Porto dos Alves em 2009. Até este ano, apenas as camisas eram padronizadas na cor marrom claro. No ano seguinte, as saias sofrem o mesmo processo de padronização e as camisas mudaram de cor, para lilás. Na segunda foto, o Grupo Curiango faz apresentação com seu novo uniforme na comunidade de Campo Buriti, município de Minas Novas. AUTORES: RODRIGUES, L. de M., 2009; MINÉ, G. O., 2010.

Desse modo, com o passar do tempo, o Grupo Curiango foi adquirindo novas características, suas danças passaram incorporar coreografias diferentes, as mulheres mais jovens se tornaram predominantes entre os seus membros e outros instrumentos musicais passaram a ser utilizados durante as apresentações.

Em meio a esse processo, o grupo passou a se apresentar com mais frequência em outras comunidades de Chapada do Norte, Minas Novas e região, divulgando através da dança e da música o modo de vida, a identidade e os costumes de suas famílias, a história da “Moça Santa”, a diversidade da cultura quilombola no Vale do Jequitinhonha e, em especial, dando maior conhecimento e legitimidade ao processo de reterritorialização – material e simbólica – que todos vivenciavam desde 2004.

No âmbito comunitário é importante destacar que as atividades do Grupo Curiango contribuíram de forma significativa para uma maior mobilização, integração e interação das famílias de Moça Santa e região, o que fortaleceu os laços de identidade cultural e territorial dos homens e mulheres deste quilombo e fez com que os mais jovens pudessem valorizar ainda mais a memória, os costumes e a cultura de seus antepassados.

Observa-se, com efeito, o protagonismo desempenhado pelo Grupo Curiango no processo de (re)significação, (re)invenção e valorização das expressões culturais de Moça Santa, que significou não apenas o resgate de uma memória e uma tradição que se perdiam, mas, sobretudo, a emergência de uma identidade afro-brasileira que catalisou e fortaleceu o histórico processo de luta política da comunidade.

3. Heranças dos apóstolos e dos indígenas brasileiros: O Conjunto da Marujada, a (re)significação e a (re)invenção da cultura quilombola do Quilombo

A comunidade remanescente de quilombo do Quilombo está localizada na porção sul-sudeste do município de Minas Novas, limítrofe às comunidades quilombolas de São Pedro do Alagadiço e Santiago, com as quais mantém fortes vínculos sociais e culturais desde sua fundação. Seu território possui uma expressiva riqueza biogeográfica, com fragmentos

florestais de Mata Atlântica, Cerrados, Veredas e ecótonos entre estes três ecossistemas, onde os agricultores praticam o extrativismo de espécies vegetais de usos medicinal, artesanal, simbólico-cultural e alimentar.

Semelhantemente à população de Moça Santa, os moradores desta comunidade são também descendentes dos homens e mulheres negros e indígenas que trabalharam nas minas de ouro dos rios Fanado, Araçuaí e Bom Sucesso em Minas Novas, tendo se deslocado para este território no início do século XX, após a promulgação da Lei Áurea. Atualmente, suas famílias estão reunidas em torno da Associação Quilombola do Quilombo – ASPOQUI, entidade que desenvolve ações e projetos comunitários de desenvolvimento local desde meados da década de 1990 e que, no ano de 2004, obteve o reconhecimento como *remanescente de quilombos* da Fundação Cultural Palmares, dando início ao processo de reterritorialização material e simbólica de seus associados.

Com efeito, a partir de então, diversas iniciativas foram realizadas pelas lideranças quilombolas e pela escola da comunidade, com o apoio de ONGs, universidades e entidades públicas, objetivando resgatar a história do processo de ocupação de seu território, da genealogia de suas famílias, das invasões de terras a partir da década de 1970 e, em especial, os costumes, tradições e a identidade cultural de seus moradores. Através de inúmeras ações buscava-se transmitir para os mais jovens os fatos mais importantes do processo de territorialização vivenciado por seus antepassados, como os trabalhos coletivos e cantados nas roças, conhecidos por *marombas*, os saberes relativos ao uso de plantas, insetos e animais para fins terapêuticos, o folclore, mitos e lendas sobre os antigos moradores daquele território, e, sobretudo, as musicalidades que conformam as atividades de trabalho e lazer dos homens e mulheres de Quilombo.

Dentre as principais iniciativas, merece destaque o incentivo à continuidade e à busca por maior visibilidade do conjunto musical da Marujada, também chamado recentemente pelo nome de *Banda de Taquara*.

O grupo cultural assim denominado é uma banda tradicional muito presente na região de Minas Novas, Capelinha, Angelândia e Setubinha, formado por um conjunto que varia de 8 a 16 *marujeiros* (como são chamados todos os seus componentes) e com características peculiares que o distinguem de outras Marujadas de Minas Gerais (MAGALHÃES, 2010).

De acordo com Magalhães (2010), as Marujadas do Vale do Jequitinhonha se assemelham muito a outras existentes na região nordeste do Brasil, mais especificamente no estado da Bahia, fato que se justifica pelo uso de flautas idênticas às aquelas provenientes deste estado e, sobretudo, pela forma como os *marujeiros* se referem ao seu grupo: *música baiana*.

Além de uma possível origem geográfica nesta região, há que se considerar também a versão histórica atribuída ao surgimento das primeiras Marujadas, as quais, segundo alguns de seus membros, foram formadas no “princípio dos tempos” pelos 12 *apostis* [apóstolos] de Cristo, e, com o passar dos séculos, apropriadas pelos povos indígenas. O relato a seguir é bem elucidativo quanto a esta questão:

A Banda de Taquara, eles fala que surgiu pelos 12 aposti... Foi assim: eles foi passeá nas mata, os 12 aposti, então eles acharo um veado morto, tirô o corô dele e saíro levano o corô. Eles achô um pau grosso, ocado, e fez a caixa-grande, e depois eles foi andano e com aquele corô mesmo fez a caixa-pequena, e depois da caixa-pequena eles fez o pandero, que foi foimado de corô de cutia. Aí eles foimô aquilo e bateu, e foi mexeno com aqueles instrumento. Aí eles acharo a moita de taquara, cortô dois gomo de taquara e fez isso [a flauta]... e agora furaro abeia e tirô a cera da abeia e colocô aqui [na extremidade da flauta]. E ficô mexeno aquilo até deu voz aqui. Aí eles cortaro um bambu e fez o reco-reco e foimô a Banda de Taquara. Aí os 12 aposti encostô aquilo no pé dum pau, e quando morreu subiu pro céu, e os índio foi andando no mato e achô aquilo e pegô tocano, aí por aquilo passô pra esses mais véi, e agora até hoje lá vai remano... Por isso que diz que dos 12 aposti passáro pros índio e dos índio pra esses mais véi (MARUJEIRO, 68 anos, Comunidade Remanescente de Quilombos do Quilombo, Município de Minas Novas, Vale do Jequitinhonha/MG, agosto de 2010).

A versão acima relatada encontra correspondência nas histórias de outros conjuntos musicais da região nordeste do Brasil, como aqueles denominados por *pifeiros*, conforme aponta Magalhães (2010, p. 78): “Outro dado interessante é quando falam da origem destas bandas, trazendo versões, transmitidas oralmente por seus antepassados, muito semelhantes a relatos de pifeiros de várias partes do nordeste, quando se reportam a uma origem indígena”.

De fato, tais histórias podem estar relacionadas à tradição Cristã e aos povos indígenas do Brasil, visto que os índios, antes mesmo da colonização européia, já possuíam alguns tipos de flautas, e, através de sua catequese pelos Jesuítas, ocorreu a disseminação dos pífanos e da gaita-de-foles,

instrumentos trazidos da Europa que produzem uma escala de sons com sete notas musicais (dó-ré-mi-fá-sol-lá-si), diferentemente das flautas que aqui existiam (*ibid.*).

Já outros instrumentos de percussão usados nas Marujadas possuem origem africana, como a caixa, o pandeiro e a zabumba, alguns dos quais foram trazidos para a região de Alto dos Bois (vizinha ao Quilombo) por imigrantes baianos, segundo atesta Magalhães (2010). Acrescenta-se, ademais, que entre os séculos XVIII e XIX existiam em Minas Gerais alguns conjuntos formados por negros que tocavam pífanos, caixa, reco-reco, pandeiro e marimba, sendo os principais momentos de apresentação as festas promovidas pelas Irmandades do Rosário (*ibid.*).

Com o passar do tempo, o Conjunto da Marujada foi incorporando outros membros ao grupo, os quais traziam novos instrumentos para serem utilizados em suas apresentações, como a viola, a sanfona e as flautas produzidas com Policloreto de Vinila – PVC, sendo estas, de acordo com um marujeiro de Quilombo, produtoras de sons com tons agudos e mais exigentes em um maior fôlego do músico soprador.

Atualmente, a Marujada do Quilombo representa a união de dois antigos conjuntos que existiam em Santiago e São Pedro do Alagadiço, os primeiros a serem formados nesta região pelos *véios*: Norato, Zé Tiolino, Josino, Antônio Moreira, Bastião de Augusto, Serafim, Antônio de Almeida e outros. É um grupo composto predominantemente por homens, cuja maioria reside nas comunidades de Quilombo, Santiago e São Pedro do Alagadiço, e apenas dois na comunidade de Cabeceiras, vizinha às três.

Neste caso, é oportuno destacar que, não obstante seja formada majoritariamente por homens, a Marujada também permite às mulheres fazer parte da banda, bastando apenas que levem um instrumento musical e acompanhem o grupo durante as festividades. No entanto, em razão do fato de muitas se ocuparem com outros afazeres nos momentos em que ocorre a apresentação dos marujeiros, raramente elas têm a oportunidade ou interesse em tocar algum instrumento, participando em menor número durante as encenações do grupo (figura 4).

Figura 4



Marujeira quilombola, moradora da Comunidade do Quilombo, única mulher desta comunidade a tocar um instrumento musical na Marujada. Na ocasião desta foto, a apresentação do conjunto foi realizada durante as celebrações do dia Nosso Senhor Bom Jesus, padroeiro de Quilombo. Comunidade Remanescente de Quilombos do Quilombo, Município de Minas Novas, Vale do Jequitinhonha/MG. AUTOR: DINIZ, R. F., 2013.

No que tange aos instrumentos de percussão utilizados durante as apresentações, os principais são: caixa-pequena, flauta, matraquinha, pandeiro, reco-reco, viola, xique-xique e zabumba, todos, com exceção do pandeiro e da viola, produzidos a partir de elementos obtidos da agrobiodiversidade presente nos quintais agrofloretais de suas propriedades e nos remanescentes vegetacionais das comunidades, como madeiras, couro, penas de galinha etc.

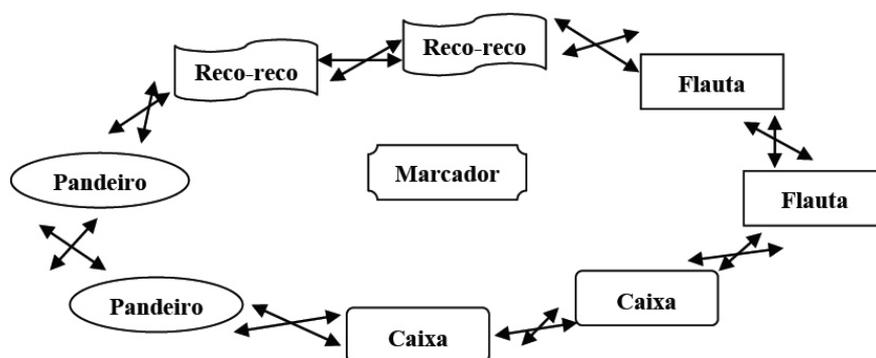
Em alguns momentos, a propósito, outros instrumentos são tocados nas apresentações, como as sanfonas e os triângulos, o que reforça parte das transformações que o grupo vem sofrendo ao longo dos últimos anos, como a alteração em seu nome, o uso de uniformes padronizados por todos os membros, a presença – ainda que pouco frequente e em menor número – de mulheres na banda, além da realização de apresentações em festas

profanas, o que não ocorria desde a fundação das primeiras Marujadas destes territórios, que se apresentavam apenas durante as celebrações festivas do calendário cristão.

Durante as apresentações cada instrumento possui um local específico no arranjo espacial da banda, com posição definida de acordo com as músicas que são tocadas e *pisadas* [dançadas] nas celebrações e com os sons que emitem: muito agudos ou graves.

No *Caboclão*, por exemplo, apenas 8 (oito) marujeiros participam da dança, a qual se caracteriza por movimentos circulares e trançados dos músicos que são guiados pelo *marcador* da Marujada, o membro orientador dos passos do grupo (figura 5).

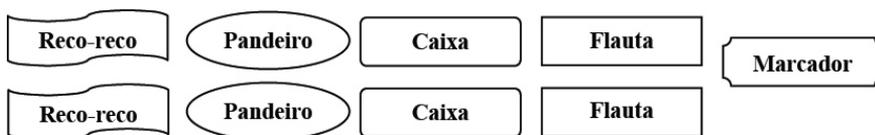
Figura 5



Arranjo espacial dos instrumentos musicais durante a apresentação da dança do Caboclão. Comunidade Remanescente de Quilombos do Quilombo, Município de Minas Novas, Vale do Jequitinhonha/MG. AUTOR: DINIZ, R. F., 2013

De forma distinta, existem as músicas que são *pisadas* seguindo o *toque de giro*, no qual o arranjo espacial formado pelos marujeiros é caracterizado por duas filas indianas paralelas entre si, com oito ou mais membros em pares de instrumentos musicais idênticos e o marcador à frente do cortejo (figura 6).

Figura 6



Arranjo espacial dos instrumentos musicais durante a apresentação de músicas que são dançadas no estilo do *toque de giro*. Comunidade Remanescente de Quilombos do Quilombo, Município de Minas Novas, Vale do Jequitinhonha/MG. AUTOR: DINIZ, R. F., 2013.

Em todas as apresentações é indispensável a presença do *marcador*, um sujeito que guia os marujeiros com uma bengala de madeira que possui em sua extremidade superior alguns guizos cilíndricos de metal e fitas coloridas de Nosso Senhor Bom Jesus (figura 7).

Figura 7



Marcador da Marujada do Quilombo, são Simeão Rodrigues, e sua bengala utilizada nas apresentações para guiar o passo dos marujeiros durante as danças do grupo. Comunidade Remanescente de Quilombos de Santiago, Município de Minas Novas, Vale do Jequitinhonha/MG. AUTOR: DINIZ, R. F., 2012.

Por ser um conjunto muito conhecido em várias localidades rurais e urbanas de Minas Novas, municípios vizinhos e até mesmo em locais mais distantes, como Bom Jesus da Lapa/BA e Belo Horizonte/MG, a Marujada possui um “presidente”, o qual é responsável por sua agenda de apresentação. Atualmente, quem assume tal função é *sêo* Simeão, pois, em virtude do papel de destaque que tem no grupo, o *marcador*, os contatos devem ser feitos com ele.

As apresentações realizadas pelo conjunto ocorrem costumeiramente nas comunidades da região do Quilombo, nos encontros aos finais de semana denominados por *domingadas* e durante as festividades religiosas, quando entoam canções sagradas nos cortejos que acompanham as bandeiras dos Santos padroeiros e a levantação do Mastro nas imediações do adro das capelas. Em entrevista a Magalhães (2010), *sêo* Simeão afirma que, no princípio, as apresentações da Marujada ocorriam apenas durante o acompanhamento das celebrações religiosas, sem estarem vinculadas a qualquer tipo de festividade de caráter profano, como o forró. Com o tempo, em virtude das transformações ocorridas na banda, o grupo passou a participar de outras celebrações, desvinculando-se, assim, de um caráter estritamente religioso:

Que só acompanha na comemoração duma novena, levantação de mastro, procissão. Então, num é pra forró, pra batuque de nada. Ela [a Marujada] só trabalha nessa parte. Isso aí os mais véio que me contaram essa história, então eu gravei. Hoje multiplicou tudo, que tudo dá certo de acompanhar essas música (*Sêo Simeão Rodrigues em entrevista a MAGALHÃES, 2010, p. 87*).

O repertório de músicas tocadas pelos marujeiros é composto por canções sagradas, como “Cáliz Bento”, e profanas, produzidas pelos próprios membros da Marujada. Em estudos sobre a musicalidade do grupo, Tubaldini et al. (2011) contabilizaram 20 canções utilizadas pelos marujeiros em suas apresentações, dentre elas: Cecília é meu bem, Mula Baia e Pau do Ái [alho], compostas a partir de eventos ocorridos no cotidiano das comunidades, como fatos jocosos e experiências amorosas vivenciadas pelos compositores ou algum conhecido. A seguir, exemplificamos os versos de três canções que ilustram muito bem tais correlações⁵:

Cecília é meu bem

Cecília é meu bem, Cecília é meu xodó...
Chorô pra í mais eu, eita pena eita dó (Bis)

Mula Baia

Sacói a saia morena, sacói a saia
Amanhã vô te levá, montadim na mula baia.
Sacói a saia morena, sacói a saia
Amanhã cê vai mais eu, montadim na mula baia.

Pau do Ái [alho]

A cachaça é boa é do pau do ái, do pau do ái
Aí mesmo eu bebo, aí mesmo eu cái.

No que tange à preservação desta tradição, é importante observar que, após o reconhecimento oficial da comunidade como *remanescente de quilombo*, que lhes permitiu alcançar uma visibilidade para além do município de Minas Novas, a Marujada passou a realizar suas apresentações com maior frequência e, como afirmara uma de suas lideranças, a atrair outros sujeitos para a banda. Desse modo, conscientes da necessidade e da importância do conjunto para o processo de reterritorialização – material e simbólica – vivenciado desde 2004, muitos indivíduos buscam divulgá-lo e preservá-lo como um patrimônio representativo de sua cultura, um grupo que acompanha a história da comunidade desde seus primórdios, há mais de sete décadas.

No entanto, no que diz respeito à continuidade desta tradição pelos mais jovens, a situação é considerada por alguns velhos marujeiros como “preocupante”, visto que, não obstante haja uma quantidade considerável de jovens e crianças com habilidade para tocar os instrumentos, poucos são aqueles que se dispõem a viajar com o grupo para as apresentações fora das comunidades. Na opinião do presidente da Marujada, isso ocorre em razão do fato de não se cobrar nenhum cachê pelas apresentações, apenas as passagens, hospedagens e alimentação dos marujeiros, o que dificulta

aos mais jovens que trabalham na roça ou em fazendas da região suprir a renda que deixariam de obter com o “dia de serviço” perdido.

Há que se considerar, todavia, que apesar de não participarem das apresentações fora das comunidades, alguns jovens têm se envolvido frequentemente com a Marujada durante os festejos das *domingadas*, o que lhes permite conciliar a manutenção desta tradição com a continuidade de seus trabalhos.

Além disso, é importante ressaltar que, após os trabalhos de resgate e valorização do conjunto, ocorreu maior mobilização, integração e interação entre as famílias do Quilombo, de Santiago e São Pedro do Alagadiço, como no exemplo dos festejos que passaram a ocorrer com mais frequência nestes territórios, na elaboração de novos projetos de desenvolvimento local e de preservação do patrimônio cultural, na valorização e reconhecimento da cultura quilombola pela sociedade envolvente etc., o que tem fortalecido os laços de identidade cultural e territorial que são essenciais para a legitimidade do processo de auto-reconhecimento vivenciado pelas famílias do Quilombo.

Desse modo, constata-se o protagonismo do Conjunto da Marujada nos trabalhos de reafirmação e revalorização da identidade afro-brasileira das famílias da comunidade do Quilombo, dando novos e importantes contornos ao histórico processo de luta política pela reterritorialização material e simbólica perante os sujeitos e agentes sociais que estão em conflito com a comunidade a todo instante: grileiros, latifundiários, empresas privadas etc.

4. Considerações Finais

No contexto atual de valorização e resgate das práticas culturais de grupos tradicionais do Vale do Jequitinhonha mineiro, os conjuntos *Curiango* e *Marujada* têm se constituído em importantes referências simbólico-culturais de suas comunidades, contribuindo para integração e coesão comunitária, para afirmação de sua identidade afro-brasileira, e, especialmente, para legitimação de seu auto-reconhecimento como *remanescentes de quilombos*.

É importante observar, no entanto, que a emergência de tais grupos ocorre em um contexto jurídico e político no qual a construção de uma *identidade* afro-brasileira é uma condição *sine qua non* para reconhecer as famílias destes quilombos como membros de grupos etnicamente diferenciados, possibilitando-lhes demarcar elementos que darão subsídio à luta que travam pela defesa de seus direitos constitucionais.

Após se reorganizarem internamente e se articularem externamente com sujeitos e agentes sociais diversos – ONGs, Universidades e órgãos públicos ligados à questão quilombola, as lideranças das comunidades de Moça Santa e Quilombo tiveram considerável sucesso na mobilização dos jovens e adultos para as atividades de divulgação, valorização e preservação de suas expressões culturais. A partir disso, as comunidades conseguiram fortalecer e dar notoriedade ao processo de reterritorialização – material e simbólica – em que se encontravam, provocando nos habitantes que ali residem um sentimento de identificação com a cultura quilombola e com o território que ocupam.

Em meio aos trabalhos de resgate e valorização de suas expressões culturais, as comunidades incorporaram outros elementos que não foram herdados da “tradição dos antigos”, mas que eram provenientes de uma nova espacialidade de sujeitos que buscavam adaptar esta “tradição” à sua contemporaneidade. Desse modo, ocorria o processo que denominamos de (re)significação e (re)invenção cultural quilombola, com transformações nos grupos e em suas manifestações que lhes davam um novo significado a partir de uma cultura que se (re)inventava com novos elementos.

Uma questão que merece ser destacada e, posteriormente, tornada objeto de estudos mais aprofundados, é a diferença na constituição dos grupos. No Curiango observa-se a maior participação de mulheres, em grande parte jovens, enquanto que na Marujada predominam os homens idosos. Essa dissimilaridade constitui um terreno de fértil discussão acerca das relações de gênero presentes nas duas comunidades, além de nos instigar a uma reflexão sobre as causas históricas e culturais que determinaram a formação desses grupos.

Portanto, acreditamos que esta pesquisa possibilitou não apenas estabelecer reflexões sobre as espacialidades afro-brasileiras dos grupos Curiango e Marujada no processo de reterritorialização de suas respectivas

comunidades, mas também coloca em cena novas questões para serem debatidas e investigadas em futuras pesquisas que venham a trazer contribuições para a ciência geográfica e, principalmente, para os sujeitos investigados.

Agradecimentos

Agradecemos à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais - FAPEMIG, pelo apoio financeiro à execução do projeto de pesquisa **“Mapeamento e Análise das Estratégias de Reprodução Social Complementares da Agricultura Camponesa no Recorte Territorial de Minas Novas, Capelinha e Chapada do Norte - Vale do Jequitinhonha”**; à CAPES pelas bolsas concedidas durante a realização dos cursos de Mestrado em Geografia no Instituto de Geociências da Universidade Federal de Minas Gerais; à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – FAPESP – pela concessão da bolsa de Doutorado que possibilitou a continuidade das pesquisas realizadas pelo discente Raphael Fernando Diniz (Processo número: 2013/25725-8), e, especialmente, aos homens e mulheres quilombolas que nos receberam em suas casas e espaços de festividades com muita atenção e cordialidade durante a realização da pesquisa.

Notas

¹ Números não oficiais, provenientes de Organizações Não Governamentais - ONGs, pesquisas acadêmicas etc.

² Ver também: Hobsbawm; Ranger (1997) e Almeida (2009).

³ De acordo com moradores da comunidade e de outros municípios vizinhos a Chapada do Norte, como Minas Novas, Capelinha e Angelândia, as peregrinações até a casa de Rita eram frequentes no período em que ela esteve viva. Centenas de pessoas provenientes de municípios da região e de outras localidades, como Montes Claros, Diamantina, Belo Horizonte etc. viajavam até este território buscando alcançar os milagres que a “Moça” considerada “Santa” realizava com a água que retirava de uma fonte em seu quintal e dava de beber aos enfermos (TUBALDINI et al., 2011; MINÉ, 2012).

⁴ De acordo com o Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, *curiango* é uma palavra de origem *Kimbundu: Kurianka*, que significa preceder, ave que costumaria voar na frente dos caminheiros (HOUISS; VILLAR, 2009, p. 893).

⁵ Com o propósito de construir um produto que contasse a história do Conjunto da Marujada e,

ao mesmo tempo, apresentasse as canções e danças encenadas pelos seus membros, produzimos um pequeno vídeo que reúne algumas das principais apresentações do grupo e um relato sobre as suas origens. O vídeo foi gravado na comunidade do Quilombo e na Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG, quando o grupo foi até Belo Horizonte realizar uma apresentação em comemoração à 14ª Feira de Artesanatos do Vale do Jequitinhonha. Após sua edição final, gravamos vários DVDs ROM e distribuímos às famílias da comunidade como um pequeno retorno de nossa pesquisa – além de outros vídeos, cartilhas e mapas que foram entregues. O vídeo também se encontra disponível para visualização no Youtube, através do link: <https://www.youtube.com/watch?v=5IMF8TeLBkk>

Referências

ALMEIDA, A. W. B. de. **Terras de quilombos, terras indígenas, “babaçuais livres”, “castanhais do povo”, faxinais e fundos de pasto: terras tradicionalmente ocupadas**. 2. ed. Manaus: UFAM, 2008.

ALMEIDA, M. G. Diáspora: viver entre-territórios. E entre-culturas? In: SAQUET, M. A.; SPOSITO, E. S. (Org.). **Territórios e territorialidades: teorias, processos e conflitos**. São Paulo: Expressão Popular, 2009. p. 175-195.

ANJOS, R. S. A. dos. **Quilombos: geografia africana, cartografia étnica e territórios tradicionais**. Brasília: Mapas Editora & Consultoria, 2009.

ARRUTI, J. M. A. A emergência dos “remanescentes”: notas para o diálogo entre indígenas e quilombolas. **MANA, Estudos de Antropologia Social**, Rio de Janeiro, v. 3 n. 2, p. 7-38, 1997.

BARTH, F. Temáticas permanentes e emergentes na análise da etnicidade. In: VERMEULEN GOVERS, C.; VERMEULEN, H. (Org.). **Antropologia da Etnicidade: para além de “Ethnic Groups and Boundaries”**. Lisboa: Fim de Século, 2003. p. 19-44.

CEDEFES – Centro de Documentação Eloy Ferreira da Silva. **Projeto Quilombos Gerais**. CEDEFES: 2007.

CLAVAL, P. **A geografia cultural**. 3. ed. Tradução de Luíz Fugazzola Pimenta e Margareth de Castro Afeche Pimenta. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2007. Título original: *La Géographie Culturelle*.

DIEGUES, A. C. **O mito moderno da natureza intocada**. 3. ed. São Paulo: HUCITEC, 2000.

DINIZ, R. F. **Agroecossistemas & Sociobiodiversidade: territorialidades e temporalidades nos Quilombos do Alagadiço, Minas Novas/MG [travessias...]**. 2013. 389 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de

Pós-Graduação em Geografia, Universidade de Federal de Minas Gerais – UFMG, Belo Horizonte, 2013.

HOBBSAWM, E.; RANGER, T. **A invenção das tradições**. Tradução de Celina Cardim Cavalcanti. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. de S. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Elaborado pelo Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de dados da língua portuguesa S/C Ltda. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

INCRA - Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária. **Relação de processos abertos entre os anos de 2003-2013**. Brasília: MDA/INCRA, Coordenação Geral de Regularização de Territórios Quilombolas, 2013.

LEITE, I. B. O projeto político quilombola: desafios, conquistas e impasses atuais. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 16, n. 3, p. 965-977, set./dez., 2008.

LITTLE, P. E. Territórios sociais e povos tradicionais no Brasil: por uma antropologia da territorialidade. **Série Antropologia**, Brasília, n. 322, p. 1-32, p. 1-32, 2002.

MAGALHÃES, D. L. **Canudos, gaitas e pífanos**: as flautas do norte de Minas. Belo Horizonte: D. L. Magalhães, 2010.

MOREIRA, G. P. G. Diversidade cultural, identidade e resistência. **Revista Palmares**, Brasília, Ano 1, n. 1, p. 13 -15, 2005.

MINÉ, G. O. **Política e cultura no Vale do Jequitinhonha: um estudo de caso sobre o associativismo comunitário quilombola de Moça Santa/Chapada do Norte**. 2012. 169 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

O'DWYER, E. C. Terras de quilombo: identidade étnica e os caminhos do reconhecimento. **Tomó**, Sergipe, n. 11, jul./dez. 2007.

SAINT-HILAIRE, A. de. **Viagem pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais**. Tradução de Vivaldi Moreira. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1975. Título original: Voyage dans les provinces de Rio de Janeiro et de Minas Geraes. 1830.

SILVA, C. E. M. Modo de apropriação da natureza e territorialidade camponesa: revisitando e ressignificando o conceito de campesinato. **Geografias**, Belo Horizonte, v. 3, n. 1, p. 46-63, jan./jun. 2007.

TUBALDINI, M. A. S.; DEUS, J.A.S. de; NOGUEIRA, M.; GONTIJO, B. M.; BEDIM, B. P.; LIMA, G. D.; GIANASI, L. M.; MINÉ, G. O.; SILVA, M. N. S. da; SOUZA, P. P. A. de; MOREIRA, K.; RODRIGUES, L. de M.; DUPIN, P. C.; DINIZ, R. F. **Mapeamento e Análise das Estratégias de Reprodução Social**

Complementares da Agricultura Camponesa no Recorte Territorial de Minas Novas, Capelinha e Chapada do Norte – Vale do Jequitinhonha.

Belo Horizonte: Terra & Sociedade – Núcleo de Estudos em Geografia Agrária, Agricultura Familiar e Cultura Camponesa, 2011. 530 p. Projeto FAPEMIG – 1480 APQ – 01430 – 08/10.

TUBALDINI, M. A. S.; GIANASI, L. M. (Org.). **Agricultura Familiar, Cultura Camponesa e Novas Territorialidades no Vale do Jequitinhonha:** gênero, biodiversidade, patrimônio rural, artesanato e agroecologia. Belo Horizonte: Fino Traço, 2012.

TUBALDINI, M. A. S.; DINIZ, R. F.; GIANASI, L. M. Trabalho feminino e manutenção da agricultura familiar nas comunidades quilombolas de Minas Novas e Chapada do Norte. In: TUBALDINI, M. A. dos S.; GIANASI, L. M. (Org.). **Agricultura Familiar, Cultura Camponesa e Novas Territorialidades no Vale do Jequitinhonha:** gênero, biodiversidade, patrimônio rural, artesanato e agroecologia. Belo Horizonte: Fino Traço, 2012. p. 141-156.

Recebido em: 31/03/2014

Aceito em: 26/05/2014

